

DIA DA INDEPENDÊNCIA

Viriato da Cruz distinguido como poeta, falta o reconhecimento político.

Ao assumir-se como o 5.º presidente do MPLA, João Lourenço abriu as janelas da história do partido e a porta da história da Nação a todos os seus heróis.

texto Ana de Sousa foto DR

De fundador a proscrito

Falar sobre Viriato da Cruz, o político, um fundador – ou um dos fundadores – do moderno MPLA é tão fácil, quanto difícil.

Muito do que se sabe dele, tem-nos sido transmitido por camaradas seus que, directa ou indirectamente, conviveram com ele. O nacionalista Adolfo Maria, por exemplo, é uma das melhores fontes para falar de Viriato da Cruz com a distância e a cientificidade que a História exige. O que se sabe, é que em 1956, Viriato da Cruz, defendia a criação de um amplo movimento libertador para as colónias portuguesas, em geral, e para Angola, em particular. Segundo uma Dissertação de Mestrado a ser, em breve, defendida por Palmira Reis, e citando, precisamente, Adolfo Maria, Viriato da Cruz foi o «grande teorizador político do nacionalismo angolano». Por essa altura, outros nacionalistas começavam a emergir, como Mário Pinto de Andrade, Eduardo Macedo dos Santos, Hugo Azancot de Menezes e Matias Miguéis, que, com Viriato da Cruz, estavam agrupados num Movimento Anticolonialista (MAC). E é a este movimento que Agostinho Neto, em fuga às repressões da antiga PIDE, pede para que se juntem e conversem visando, a partir do MAC e do Movimento para a Independência Nacional de Angola (MINA), formar um amplo movimento que iria dar no

MPLA.

De notar que em Janeiro de 1960, numa conferência que se estava a realizar em Tunes (conferência dos Povos Afro-Asiáticos) quem estaria presente em nome das colónias portuguesas era além da Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRAIN) – que representava várias forças nacionalistas, como angolanos e o PAI (Partido Africano da Independência da Guiné, que tinha como seu representante, Abel Djassi (ou Amílcar Cabral) – que, segundo Lara, quem o representava e assinava como representantes de uma linha do Povo Angolano, também, além do PAI, a União dos Povos de Angola (UPA), representada por José Guilmer (pseudónimo de Holden Roberto) seriam Viriato da Cruz e o próprio Lúcio Lara (como se pode ler no seu livro, Documentos e comentários para a história do MPLA: até Fev. 1961).

Viriato da Cruz, foi sempre um teorizador da união de todos os angolanos em torno de um amplo movimento libertador. Nesse sentido, por volta de 1961/62 propôs a Holden Roberto uma união entre o MPLA e a (já) FNLA, até porque, Agostinho Neto, estava detido pela PIDE e Viriato da Cruz era o Secretário-geral do MPLA; na prática, embora Neto

fosse o Presidente, era Viriato da Cruz que detinha o real poder do MPLA.

Só que estas manobras unificadoras não terão sido bem vistas no seio do seu Movimento, e em Dezembro de 1962, pela 1ª Conferência Nacional do MPLA, a relação entre os dois líderes que já não era das melhores – dois carismáticos chefes para uma mesma cadeira – deteriora-se e, por quando da votação de uma lista para o directório, ou Comitê Director, onde o nome de Viriato da Cruz surge, Neto aplica uma máxima – que se tornará numa das suas mais importantes – e que foi “ou ele ou eu”, o que levou Viriato da Cruz e outros seus seguidores a abandonarem o MPLA, a criarem um Comité pela Unidade e pela Cooperação e proporem a sua integração na FNLA, como representantes do “verdadeiro MPLA”, como descrevem, Edmundo Rocha e outros, no livro “Angola, Viriato da Cruz: O Homem e o Mito”.

Agostinho Neto, acaba por os expulsar do MPLA em 8 de julho de 1963. E Viriato da Cruz desterra-se na China, onde acaba por falecer completamente ignorado e na miséria. Foi, como outros nacionalistas da fundação do MPLA, recentemente “reabilitado pelo Presidente João Lourenço”.

Eugénio Costa Almeida - CEI-UL

De fundador a proscrito

Falar sobre Viriato da Cruz, o político, um fundador – ou um dos fundadores – do moderno MPLA é tão fácil, quanto difícil.

Muito do que se sabe dele, tem-nos sido transmitido por camaradas seus que, directa ou indirectamente, conviveram com ele. O nacionalista Adolfo Maria, por exemplo, é uma das melhores fontes para falar de Viriato da Cruz com a distância e a cientificidade que a História exige. O que se sabe, é que em 1956, Viriato da Cruz, defendia a criação de um amplo movimento libertador para as colónias portuguesas, em geral, e para Angola, em particular. Segundo uma Dissertação de Mestrado a ser, em breve, defendida por Palmira Reis, e citando, precisamente, Adolfo Maria, Viriato da Cruz foi o «grande teorizador político do nacionalismo angolano». Por essa altura, outros nacionalistas começavam a emergir, como Mário Pinto de Andrade, Eduardo Macedo dos Santos, Hugo Azancot de Menezes e Matias Miguéis, que, com Viriato da Cruz, estavam agrupados num Movimento Anticolonialista (MAC). E é a este movimento que Agostinho Neto, em fuga às repressões da antiga PIDE, pede para que se juntem e conversem visando, a partir do MAC e do Movimento para a Independência Nacional de Angola (MINA), formar um amplo movimento que iria dar no

MPLA.

De notar que em Janeiro de 1960, numa conferência que se estava a realizar em Tunes (conferência dos Povos Afro-Asiáticos) quem estaria presente em nome das colónias portuguesas era além da Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRAIN) – que representava várias forças nacionalistas, como angolanos e o PAI (Partido Africano da Independência da Guiné, que tinha como seu representante, Abel Djassi (ou Amílcar Cabral) – que, segundo Lara, quem o representava e assinava como representantes de uma linha do Povo Angolano, também, além do PAI, a União dos Povos de Angola (UPA), representada por José Guilmor (pseudónimo de Holden Roberto) seriam Viriato da Cruz e o próprio Lúcio Lara (como se pode ler no seu livro, Documentos e comentários para a história do MPLA: até Fev. 1961).

Viriato da Cruz, foi sempre um teorizador da união de todos os angolanos em torno de um amplo movimento libertador. Nesse sentido, por volta de 1961/62 propôs a Holden Roberto uma união entre o MPLA e a (já) FNLA, até porque, Agostinho Neto, estava detido pela PIDE e Viriato da Cruz era o Secretário-geral do MPLA; na prática, embora Neto

fosse o Presidente, era Viriato da Cruz que detinha o real poder do MPLA.

Só que estas manobras unificadoras não terão sido bem vistas no seio do seu Movimento, e em Dezembro de 1962, pela 1ª Conferência Nacional do MPLA, a relação entre os dois líderes que já não era das melhores – dois carismáticos chefes para uma mesma cadeira – deteriora-se e, por quando da votação de uma lista para o directório, ou Comité Director, onde o nome de Viriato da Cruz surge, Neto aplica uma máxima – que se tornará numa das suas mais importantes – e que foi “ou ele ou eu”, o que levou Viriato da Cruz e outros seus seguidores a abandonarem o MPLA, a criarem um Comité pela Unidade e pela Cooperação e proporem a sua integração na FNLA, como representantes do “verdadeiro MPLA”, como descrevem, Edmundo Rocha e outros, no livro “Angola, Viriato da Cruz: O Homem e o Mito”.

Agostinho Neto, acaba por os expulsar do MPLA em 8 de julho de 1963. E Viriato da Cruz desterra-se na China, onde acaba por falecer completamente ignorado e na miséria. Foi, como outros nacionalistas da fundação do MPLA, recentemente “reabilitado pelo Presidente João Lourenço”.

Eugénio Costa Almeida - CEI-UL